

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

8. Violência e segregação familiares

Responsável EOL: Marisa Chamizo e Marisa Morao

Participantes: Zulema Buendía, Celina Camps, Andrea Fenik, Rosmary Galvagna,
Patricia Gorocito, Marcela Molinari, Angeles Romay, Marcela Ruda,
Analía Trachter, Gabriela Triveño

Introdução

Os conceitos de violência e segregação para a psicanálise são próprios da estrutura do que é humano. Suas manifestações no âmbito da família serão tratadas em nossa conversa tanto em suas formas de apresentação, quanto nas modalidades de sua regulação.

Como psicanalistas temos que estar advertidos que a pulsão de morte é estrutural e insiste em qualquer sistema onde se encontrem os homens tentando viver de maneira civilizada. Faz sua aparição nas organizações narcos, nas ruas, nos atentados de grupos extremistas e também dentro das famílias, no maltrato infantil e no femicídio.

Eric Laurent, no XX Encontro da EBP,¹ adverte-nos que as determinações sociológicas e as investigações da psicologia cognitiva não conseguem dar resposta dos efeitos subjetivos da violência contemporânea porque estas ciências interpelam o eu do sujeito, desconhecendo o sujeito dividido comandado pela pulsão de morte. É aí onde a psicanálise pode intervir oferecendo a sua leitura e posição.

Na atualidade, o ideal, o Outro, declinam, revelando a sua inexistência. De que ordem é a violência na época do Outro que não existe?

¹ XX Encontro EBP 2014 “Trauma en los cuerpos y violencia en las ciudades”.

1. Violência para a psicanálise. Violência estrutural

Como lê a psicanálise o conceito de violência?

Freud, em “O Mal-estar na Cultura”, descarta o ideal de funcionamento para os laços dos sujeitos, famílias, comunidades, etnias e nações, que se suporte num programa de felicidade sem sombras; afirma que “a inclinação agressiva é uma disposição pulsional, autônoma, originária, do ser humano”.² A cultura – os laços – encontra, na mesma, o seu obstáculo mais poderoso. A pulsão de agressão - principal sub-rogado da pulsão de morte - é responsável pela ruptura do programa de cultura e faz fracassar o programa libidinal possível no laço social.³

Existe uma inclinação inata do ser humano para o “mal”, para a agressão, para a destruição, impasse anunciado por Freud a partir de “Além do princípio de prazer”, é uma hostilidade primária e recíproca entre os semelhantes.

Neste aspecto, o próximo é uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, despossuí-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dor, martirizá-lo e assassiná-lo.⁴

Lacan, seguindo Freud nestas considerações, diz em *A ética da psicanálise* que o gozo é um mal porque entranha o mal no próximo.

Freud aborda o tema desde o narcisismo da pequena diferença, da dificuldade do contato com o semelhante. Irmãos, pais, cônjuges, comunidades, contêm “Um sedimento de afetos de aversão e hostilidade que apenas devido à repressão não é percebido”.⁵

A pulsão de morte habita em todos os seres falantes, não se educa, não se domestica nem se previne; é impossível de eliminar. Desde este ponto de vista só resta o seu tratamento. Cada época (e cada família) contém em si modos particulares pela qual esta se expressa ou se manifesta. O transtocamento da ordem simbólica explica em parte os modos atuais de

² Freud, S., (1930 [1929]) El malestar en la cultura. *Obras completas*. Tomo XXI. Buenos Aires: Amorrortu. 1996, p. 117.

³ Morao, M., Violencia contra el cuerpo de una mujer y la era del consumo masificado. Zawicke, P., Stillo, B., (Comp.) *Relaciones violentas, entre el amor y la tragedia*. Buenos Aires: Grama. 2014, pp. 59-60.

⁴ Freud, S. (1930 [1929]) El malestar en la cultura, *op. cit.*, , p. 108.

⁵ Freud, S., (1921) Psicología de las masas y análisis del yo. *Obras completas*. Tomo XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, p. 96.

viver e tratar a pulsão de morte no novo século. Pode-se dizer da violência, como uma expressão da pulsão de morte.

O que se pode produzir numa relação inter-humana ou é a violência ou a palavra.

2. Segregação estrutural

A segregação estrutural guarda uma relação íntima com a noção do ódio. O ódio é mais antigo que o amor em relação com o objeto. O ódio nasce da repulsa primitiva do eu próprio que **segrega** um componente que arroja para o mundo exterior por senti-lo como hostil.

O problema se traça entre afirmação e rechaço. O eu-prazer originário incorpora o bom, e expulsa ou arroja de si o ruim, de lá que o hostil para o eu, vai formar parte do alheio, do estranho, do que se encontra fora.

J.-A. Miller diz da conexão entre racismo moderno segregativo e o ódio. “é o ódio ao gozo do Outro. Isto é inclusive a fórmula mais geral que se pode dar deste racismo moderno tal como o verificamos”.⁶ O *impasse* que apresenta este problema é que o Outro é o “Outro dentro de mim mesmo”. O que destaca Miller é que a raiz do racismo é o ódio ao próprio gozo. “se o Outro está em meu interior, em posição de extimidade, é também meu próprio ódio”.⁷ Segrega-se o próprio situado no Outro.

Como se põe em jogo esta lógica nas configurações familiares contemporâneas?

Partimos da frase de Lacan em “Nota sobre o pai” na qual diz “Creio que em nossa época, o traço, a cicatriz da evaporação do pai é o que poderíamos colocar sob o cabeçalho e o título geral da segregação”.⁸ Como se manifesta nas configurações familiares atuais a evaporação do nome do pai?

Esta pergunta a colocaremos em consonância com a segregação que produz e a resposta da psicanálise e dos psicanalistas a este problema.

⁶ Miller, J.-A., *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2011, p. 53.

⁷ Miller, J.-A., *op. cit.*, p. 55.

⁸ Lacan, J., Nota sobre el padre. Revista *Lacanianana* N° 20. Buenos Aires: Grama, p. 9.

3. Violência familiar

O quê pode dizer a psicanálise sobre a violência familiar? A família é um lugar de transmissão da cultura, da língua materna e do mal-entendido.

Há um mal-entendido estrutural que se inscreve de maneira singular em cada sujeito. Tem a ver com o desencontro entre o homem e a mulher, com o não dito sobre o gozo de cada um, fazendo que tenha um ponto irreduzível na transmissão. Trata-se, portanto da transmissão de um mal-entendido onde entram em jogo significantes de desejo e gozo. Miller¹ acrescenta que a família está unida por um segredo sobre o gozo que faz família no inconsciente.

As funções materna e paterna que se encarnam nos pais são sempre falhas, mas falham de diferentes maneiras. Pode-se produzir uma passagem ao ato violento que irrompe na conformação dos laços familiares, ou seja, uma irrupção do real no imaginário desligado do simbólico. Um filho que mata o seu pai. Um pai que violenta a sua filha, tendo filhos com ela sob o silêncio cúmplice da mãe, são exemplos extremos.

Na sociedade atual, a chamada “violência familiar” converteu-se num significante amo junto a outros como “violência de gênero” e “femicídio”, que tem ascendido ao zênite social. Carlos Dante García⁹ diz que o fenômeno da violência foi mudando de significação com o passar do tempo até chegar a ser, na atualidade, um problema sanitário quando antes estava naturalizada e em algumas culturas era aceita socialmente. A ascensão da violência ao zênite social implica uma queda dos ideais, uma queda do lugar do Outro, produzindo uma identificação que já não é ao ideal, como na época do Freud, senão que está em relação ao S₁ pluralizado.

Não há um universal da violência familiar.

Família: violência e segregação estrutural.

A segregação no seio mesmo da família pode dizer-se desde a fraternidade. Lacan no *Seminário 17* situa a fraternidade, “a humana”, na segregação: “Inclusive não há

⁹ García, C. D., La violencia: ¿qué locura! Rodríguez Machado, O. M., Derezensky, E. (Orgs), *La violencia síntoma social de la época*. Belo Horizonte: Scriptum Livros. 2013.

fraternidade que possa se conceber se não for por estarem separados juntos, separados do resto”.¹⁰

Lacan destaca que o empenho que colocamos em sermos todos irmãos prova evidentemente que não o somos inclusive com o nosso irmão consanguíneo: “Só conheço uma origem da fraternidade [...], é a segregação”.¹¹

Um exemplo da fraternidade na segregação, este par de opostos, é a obra *Terrenal* de M. Kartun sobre dois irmãos, Caim e Abel:

É interessante retomar esse ponto zero da relação do homem com o que o rodeia. Entender que a propriedade é uma construção humana e que nesse ato o homem aproveita e se condena, porque está obrigado a proteger e aumentar o que possui. Na obra, a sombra presente é que Caim quer eliminar o seu irmão.

É uma manifestação patente do insuportável desse outro modo de gozar aquilo que tem que eliminar.

4. A família é o lugar onde o sujeito “tem experimentado o perigo”

a. Do nome do monstro à invenção de um nome

M. D. se une às 500 mil pessoas que marcharam na Praça de Maio no dia 10 de maio contra a lei do 2x1 que diz que, transcorrido o prazo de dois anos previsto pela lei, devia computar-se em dobro cada dia de prisão preventiva. M. não tinha marchado antes, mas agora a move um pedido singular: quer que o seu pai, o repressor M.E., condenado seis vezes por delitos de lesa humanidade e que pediu o benefício do 2x1, cumpra a sua condena na prisão. Ela trocou de sobrenome há um ano alegando o seguinte:

Tendo que me ver confrontada na minha história quase constantemente, e não pela própria escolha, ao linde e deslinde que diferentes pessoas, com ideias contrárias ou não ao que seu acionar horroroso e sinistro pudessem fazer sobre a minha pessoa, como se fosse eu um apêndice do meu pai, e não um sujeito único, autônomo e irrepetível, descentrando-me da minha verdadeira posição, que é

¹⁰ Lacan, J., *El seminario, libro 17. El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 1992, p. 121.

¹¹ *Ibidem*.

palpavelmente contrária à desse progenitor e suas ações [...]. Permanentemente questionada e tendo sofrido inumeráveis dificuldades por causa de acarretar o sobrenome que solicito seja suprimido, resulta a sua história repugnante à subscrita, sinônimo de horror, vergonha e dor. Não há nem houve nada que nos una, e decidi com esta solicitude colocar um ponto final ao grande peso que para mim significa arrastar um sobrenome tingido de sangue e horror, alheio à constituição da minha pessoa. Mas além do exposto, minha ideologia e minhas condutas foram e são absoluta e decididamente opostas às suas, não existindo o mais mínimo grau de coincidência com o mencionado. Porque nada emparenta o meu ser com este genocida.¹²

M. padeceu a violência deste homem em sua infância junto a seus irmãos e à sua mãe que estava ameaçada, viviam submetidos e desinformados. Até os oito anos foi feliz morando com os seus avós maternos, depois começaram a morar com o pai. Não sabiam quem era nem o que fazia, somente o viam nos fins de semana. Sentiram-se liberados quando caiu preso em 1984. Na entrevista disse: “é um ser infame, não um louco, alguém a quem lhe importam mais as suas convicções que os outros, alguém que se pensa sem fissuras, um narcisista malvado sem escrúpulos. Antes me machucava escutar o seu nome, mas agora estou inteira, liberada”. Trata-se, portanto de uma posição decidida a não pegar o seu progenitor como pai, muda o sobrenome num ato simbólico para cortar o parentesco e se separar de tudo o que esse sobrenome significava social e individualmente para ela. Como disse Lacan, a criança também adota os seus pais, neste caso, pode não fazê-lo, M. apoiada no amor da sua mãe e de seus avós pode se separar do monstro E., que é o nome que a violência toma nesta família e pode além disso inventar-se um sobrenome.

b. Corpo e violência.

Se bem a função paterna é sempre falha, como pensar os efeitos na clínica a partir da sua ausência em relação com a passagem ao ato violento?

Um adolescente é situado na posição de objeto no fantasma materno, não conta com o NP e se angustia diante da desorientação gerada pela irrupção do gozo sexual. Isto dava lugar a uma série de passagens ao ato: a violência contra ele, contra o próprio corpo ou contra outros.

¹² Mariana, D., *Marché contra mi padre genocida*, por Juan Manuel Mannarino. Revista *Anfibia*, UNSAM.

Disponibile en: <http://www.revistaanfibia.com/cronica/marche-contra-mi-padre-genocida/>

A função da família, para Lacan implica a transmissão de um desejo que não seja anônimo. A função do pai é articular o desejo à lei, ficando a mãe proibida como objeto primordial de gozo. No caso, a família volta-se estranha, *Unheimlich*. A mãe lhe é presentificada como mulher, e os irmãos deixam de ser os seus irmãos, transformando-se em objetos possíveis de gozo sexual, pelas fantasias que o invadem. Não se trata do pai que merece o respeito nem o amor, trata-se de um gozo exposto da figura do pai, que deixava o jovem a mercê do estrago materno, sem mediação de um Outro que encarne uma função articulada ao desejo, situando-se como um objeto de descarte para o Outro. É a irrupção da pulsão de morte na família porque fica sem a mediação simbólica que oferece o desejo.

c. Segregação familiar: Testemunho M. H. Blancard¹³

O testemunho nos ilustra como o sujeito encarnou no seio familiar um segredo relacionado com o seu nascimento. Segregada já que não carrega o sobrenome paterno, a sua origem tem a marca da vergonha. Duplamente segregada porque é diferente do resto da sua família por ter uma origem judia numa família católica.

Sua novela familiar a deixa numa posição de não saber quem foi o seu pai, ela quer saber, mas não se atreve a perguntar. “Família, odeio vocês” revela a violência da mãe como resposta à violência padecida. Para ela fazer-se "o alvo dos ataques do Outro" sustentará a sua lógica fantasmática.

“Quando uma criança aparece, o círculo da família aplaude com alegria”. É a citação que MH pega de Víctor Hugo, o que não aconteceu no seu caso. Não ditos que são violentos, ditos violentos e segregação dentro da família. Graças ao seu testemunho nos esclarece o viés da psicanálise como um possível tratamento deste gozo.

d. Violência, família e estrago materno

Interrogamo-nos pela relação entre o estrago materno e o ato violento no corpo da criança. No testemunho de María Cristina Giraldo¹⁴ ela situa um “regime de ferro instaurado pelo gozo materno”. O seu irmão e ela chupavam o dedo para dormir e a sua mãe buscava maneiras de suprimir, sem resto, esse gozo auto-erótico. “Amarrava nossas mãos com lenços e, se conseguíssemos desamarrá-las, tínhamos o polegar untado com alho picante. Como este método fracassou, ela conseguiu umas férulas de gesso para imobilizar nossos

¹³ Blancard, M.-H., *Freudiana* N° 67, p. 3.

¹⁴ Giraldo, M. C., *La voz opaca*. Revista *Lacanianana* N° 22. Buenos Aires: Grama ediciones. 2017, p. 49.

braços e impedir que os pudéssemos dobrar durante a noite”.¹⁵ O estrago consistiu em submeter o corpo da menina e o do seu irmão às vontades maternas.

Neste caso foi um trabalho analítico fundamental, passar da queixa pelas experiências estragantes ao limite no que nela “consentia ao estrago” A analista trauma pôs o estrago sob transferência e alojou o profundo aborrecimento.

e. Femicídio e violência doméstica

A respeito da violência contra as mulheres presente no fenômeno da chamada violência doméstica - que em ocasiões culmina em femicídio -, M. Bassols diz o seguinte:

[...] esta nova epidemia da violência chamada de gênero e que nos é outra coisa que a impossibilidade de reciclar esse gozo do outro, essa alteridade do gozo que o gozo feminino faz presente entre os sexos. Digamos que esta experiência traumática do Real, que tem o fantasma como pantalha, diz na atualidade uma problemática, e é que essa pantalha do fantasma, eu diria clinicamente, é hoje cada dia mais tênue, cada dia cumpre menos a sua função, cada vez o sujeito está mais perto da passagem ao ato.¹⁶

Contrariamente, casos de mulheres que batem e denigram o seu parceiro (seja homem ou mulher, sabemos que para a psicanálise são posições que não se definem pelos caracteres sexuais secundários, são dois modos de gozo). Num caso, cospe nele, bate, sente-se a parte masculina do matrimônio. O que é que bate no seu parceiro? Ela vê no seu marido, um homem com certa sensibilidade, um modo de gozo hétero que ela mesma rejeita e é isso o que desperta a sua fúria.¹⁷

f. Conclusões. Posição do analista

Mas como intervir como analistas nos fenômenos de violência?

Em relação com quem exerce a violência, Lacan nos brinda uma orientação ao propor o recurso da vergonha para intervir, para além da associação livre e do relato, na medida em que a violência está articulada ao gozo. Isto é, a vergonha como uma forma de dirigir-se para a responsabilidade subjetiva.

¹⁵ *Ibidem*, p.52.

¹⁶ Bassols, M., Trauma en los cuerpos, violencia en las ciudades. Morao, M. (Comp.), *Violencia y radicalización. Una lectura del odio en psicoanálisis*. Buenos Aires: Grama. 2016, pp. 27-28.

¹⁷ Morao, M., Cuerpos violentos. Actualidad de la pulsión de muerte Morao, M. (Comp.), *Violencia y radicalización...*, *op. cit.*, p. 72

Avançar com nossa prática na época atual do Outro que não existe e do imperativo de gozo implica sustentar a prática psicanalista vigente, não desde uma moral, nem desde a nostalgia pelo pai, senão desde a ética da psicanálise.

No encontro contingente com o desejo do analista há uma chance de ensaiar uma possibilidade de invenção por parte do sujeito, ensaiar até localizar algum sintoma de ordem singular. Possível se um sujeito consente a se servir do analista. É uma oportunidade para pôr limite ao empuxo ao gozo mortífero, função do analista que redobra a função do pai e do sintoma.

Tradução: Eva Arenas

Bibliografia

- Freud, S., (1920) Más allá del principio de placer. *Obras completas*. Tomo XVIII. Buenos Aires: Amorrortu. 1996.
- Freud, S., (1921) Psicología de las masas y análisis del yo. *Obras completas*. Tomo XVIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S., (1925) La negación. *Obras completas*. Tomo XIX. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S., (1932) ¿Por qué de la guerra? *Obras completas*. Tomo XXII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Lacan, J., *El Seminario, libro 5. Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. 2009, p. 468.
- Lacan, J., El amor al prójimo. *El seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 1988, p. 223.
- Lacan, J., *El seminario, libro 17. El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 1992, p. 198.
- Lacan, J., “El seminario 22: RSI” (Inédito).
- Lacan, J., Nota sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012.
- Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la Clínica Lacaniana*. Conferencias en España. Barcelona: RBA. 2006.
- Miller, J.-A., Notas sobre la vergüenza. *Freudiana* N° 39. España. 2003.
- Miller J.-A., La salvación por los desechos. *Radar* N° 56. México. 2010. Disponible en: <http://www.nel-mexico.org/articulos/seccion/radar/edicion/61/59/La-Salvacion-por-los-desechos>
- Laurent, E., Variaciones sobre el mal. *Dispar* N°9. Revista de psicoanálisis y filosofía. Buenos Aires: Grama. 2012, p. 19.
- Laurent, E., El discurso y lo real de la violencia. *Cuerpos salvajes*. COL. Buenos Aires: Grama. 2015, p. 15.

- Laurent, E., El orden simbólico en el siglo XXI. Consecuencias para la cura. 2010. Disponible en:
<http://www.congresoamp.com/Papers/Papers-001.pdf>
- Laurent E., El niño como real del delirio familiar. Disponible en:
<http://wapol.org/pt/articulos/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=2&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=1748&intIdiomaArticulo=1&intPublicacion=13>
- Acevedo, L., Secretos de familia. Revista *Enlaces* N° 22. Buenos Aires: Grama. Octubre 2016.
- Aflalo, A. (2012), Subjetividades modernas y luchas de los cuerpos. *El orden simbólico en el siglo XXI*. Buenos Aires: Grama. 2012.
- Brousse, M.-H., Violencia en las familias. Pegar y ser pegado. *Bitácora Lacaniana*. Número extraordinario. Buenos Aires: Grama. Abril, 2017.
- Do Rego Barros, R., La violencia y sus límites. Revista *Consecuencias* N°12. Buenos Aires. 2104.
- García, C. D., La violencia: ¡qué locura! Derezensky, E., Rodríguez Machado, O. M. (Orgs.) *La violencia síntoma social de la época*. Belo Horizonte: Scriptum Livros. 2013.
- Leserre, A., Una lectura de “Nota sobre el niño”. *Cuadernos Icdeba* N° 17. Buenos Aires: Grama. 2015, p. 50.
- Sánchez, B. y otros, El malentendido familiar II - Variedad del malentendido. Revista *Enlaces* N° 22. Buenos Aires: Grama. 2016.
-